

A BATATA

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 950; Província, 3 me-
ses 2850; África Portuguesa, 6 meses
6650; Estrangeiro, 6 meses 102500
PAGAMENTO ADIANTADO

A EMIGRAÇÃO

Seus males determinantes

Os economistas gritam que o pão é a mais urgente necessidade dos humanos. Os sociólogos clamam que a mais cara e a mais sonhada regalia dos indivíduos é a liberdade. Os historiadores referem que nas épocas de grandes crises sociais, o êxodo é o recurso desesperado dos povos. E até os românticos e os eloquentes, os filósofos e os apóstolos, dizem que emigrar é dos desditosos um exemplo, admirável no seu heroísmo, um gesto em que apenas há revolta e vingança, salutar afirmação de personalidade.

Este quadro, assim traçado nervosamente, sem intuídos hiperbólicos ou retóricos, evoca brutalmente a situação do país em que vivemos, significa a alarmante expectativa do que vai Europa fora, sob o regime capitalista, no século decadente da burguesia.

Por toda a parte, crise de trabalho, falência das velhas fórmulas económicas, desprestígio das seculares expressões sociais.

O proletariado é a maior, senão a única, vítima da formidável crise económica da sociedade burguesa, que o capitalismo se desespera de anular, que os estadistas de variadas, ou avariadas, escolas inutilmente se esforçam em dar solução.

Só a prodigiosa força dos trabalhadores—a consciência de classe—poderia efectuar a grande obra de regeneração humana, derrubando uma sociedade desequilibrada e injusta e erigindo uma outra sociedade, em que cada um pudesse dispor de si, dando ao bem comum o produto normal do seu esforço, recebendo da solidariedade colectiva o provimento normal das suas necessidades.

Enquanto os trabalhadores não atingem o nível da sua consciência de classe, ao mesmo tempo que o capitalismo se debate numa crise tão horrível, que ameaça a própria burguesia de asfixia social, a vasta multidão dos desempregados, tão faminta, tão angustiada, vê no êxodo, na emigração para terras de aparência mais farta, o melhor recurso para se furtar aos horrores da fome que impende já sobre toda a Europa e se aproxima cada vez mais dos diversos continentes do mundo. Vão os emigrantes em busca

do pão que lhes falta nos lugares em que se fala o seu idioma.

Duas coisas são o mais recatado desejo do indivíduo. Uma é a regular satisfação do seu estômago, quando não o desafogo das necessidades do espírito. Sempre que as aspirações de um indivíduo sejam contrariadas por um complicado e arbitrário sistema social e político, o indivíduo sente-se logo impellido a procurar em país estrangeiro um viver mais livre, ainda que a liberdade seja, como se diz na terminologia comum da oratória, um mito.

Foi sempre assim, desde os tempos em que os povos da Chaldea se precipitaram para o ocidente. Têm dito uma verdade incontestável os filósofos e os historiadores, têm-no sentido de diverso modo os eloquentes, os apóstolos, os românticos.

Como se há de, pois, berrar contra os que emigram, contra os que fogem ao dilúvio moderno—a miséria, a dor—se a sociedade não pode garantir, sequer, como expressão de verdade patriótica, o bem estar mais parcimonioso do indivíduo, sobretudo, do trabalhador.

O direito à vida, e a usufruir a vida, é a única razão do emigrante. Nenhum outro princípio pode negar-lhe o que se afirma como inimigo da humanidade. A pátria—para o que trabalha—é uma realidade económica; onde haja um bocado de pão, ao menos, dilui-se a nostalgia do «torrão natal», que para o misero é apenas um lar. A pátria—para os industriais e para os financeiros—é uma coisa bem diversa, e bem pesada para os que trabalham.

Em país estrangeiro, o emigrante sofre dos mesmos males económicos e sociais da «sua» pátria. A mesma odiosa servidão industrial, a mesma opressão económica, a mesma parcimónia de liberdades—e sempre a fome, sempre a crise, sempre a força a ameaçar as suas necessidades e as suas aspirações. Afinal, têm razão os economistas, os sociólogos, os historiadores, os românticos, os filósofos, os eloquentes, os apóstolos. E nós, também. Só não têm razão os capitalistas, os industriais, os burgueses, os parvos, os submissos e os escravos.

SIMPLESMENTE REVOLTANTE!

Devido ao pouco escrúpulo de um engenheiro agrônomo o público vai consumir batata podre enquanto para o guano será enviada batata em bom estado

A batata é um dos principais géneros alimentares. Rara é a refeição em que o apreciável tubérculo não guarneca um dos pratos. Especialmente nas classes pobres a batata é o alimento inseparável.

Mal sabem muitos dos consumidores a quanto se presta a batata para a exploração desenfreada de uns cavalheiros, a quantas manobras ela serve.

Com a batata saloia não tanto, mas com a estrangeira a coisa assume foros de escândalo. A batata exótica é um admirável filão a explorar e também, o que é mais grave, um grande perigo para a saúde do público.

O leitor o que lhe vamos contar sobre o carregamento de batata que há dias chegou ao Tejo. Não perderá o seu tempo acompanhando o que escrevemos, cuja autenticidade se prova pelas próprias afirmações que produzimos.

Com destino à firma Bruno Patoleia, com escritórios na rua dos Dourados, 72, chegou há dias um carregamento de 750 sacas de batatas no vapor «Lisboa», procedente de Hamburgo.

Essas duas sacas carregamento passou para uma fragata e ali se reteve durante mais de oito dias. Devido a esse facto parte da batata apodrecceu. Calcula-se que metade está apodrecida.

Pessoa que tem lidado com as sacas informa-nos que todas elas possuem batata podre e são. Convinha por isso que as sacas fossem abertas e que se procedesse à escolha da batata. Necessariamente que se chegaria àquela conclusão.

Porém o importador, quando já não podia retardar o descarregamento visto que já estava lançado o despacho com o n.º 9910 e como a Alfândega exigia para a batata sair uma declaração de um engenheiro agrônomo que garantisse a sua boa qualidade, convidou o sr. Julio G. A. Cardoso, engenheiro agrônomo, a ir a bordo da fragata verificar o estado da batata. Este foi, mas limitou-se a olhar para as sacas e a

retirar-se. Todavia no despacho fez a seguinte declaração:

«Declaro que encontrei parte do carregamento com tubérculos em mau estado e por consequência não podem ser utilizados para semente».

E' claro que a declaração era ambígua, não dizia o número de sacas e a Alfândega não deixava sair do país, onde já se encontravam descarregadas 120 sacas, a batata. E então, o mesmo engenheiro agrônomo a convite do importador foi ao cais abriu uma saca e partiu uma batata. Depois adicionou est'outra declaração no despacho:

«Declaro que são em número de 450 sacas as que se encontram em condições de serem aproveitadas devendo as restantes 300 ser inutilizadas».

A Alfândega em face desta declaração autoriza a saída da batata.

Mas como o engenheiro agrônomo não fez um exame escrupuloso à batata não pôde também escolher as sacas que deviam ser remetidas para o guano.

E por isso as 300 sacas inutilizadas são escolhidas pelo importador!

Conclusão: como parte da batata das sacas está podre e a outra sai, resulta que o público terá que comer a batata podre que está nas sacas dadas como boas e o guano comerá a batata boa que está nas sacas dadas como inutilizadas.

Este facto evitar-se-ia se da parte do referido engenheiro agrônomo houvesse mais escrúpulo. Isto é: se houvesse o cuidado de mandar abrir as sacas e proceder à escolha da batata.

Mas isto é assim! Que havemos de fazer! O mais interessante é isto: E' que consignadas à mesma firma estão no Tejo a bordo de duas fragatas mais 750 sacas, cujo despacho já está feito.

Estabelecer-se-á o mesmo princípio? Terá o público que comer batata podre enquanto o guano pagará a boa?

ESCLARECENDO DOUTRINA

O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

Escrevi há dias um artigo sobre sindicalismo revolucionário, que veio publicado em A Batalha.

Não tive, infelizmente, a sorte de ser compreendido por vários camaradas, os quais, por tal motivo, me têm feito alguns reparos. Por outro lado, congratulo-me por me ver apoiado por uma grande maioria de outros camaradas. Aos camaradas discordantes peço licença para responder.

Fui para eles, talvez, pouco claro: pois que a crítica que fazem ao meu despretencioso trabalho revela-me, da sua parte, uma grande confusão e incoerência das suas afirmações com as premissas que estabelecem para a sua argumentação; e, talvez, por assim suceder, não conseguiram convencer-me de que estou em erro. Todas as refutações que produziram ficaram inanes.

Como, não obstante, os creio sinceros e os tenho na conta de inteligentes, estou muito inclinado a acreditar que a culpa vem da prosa que escrevi no supra-dito artigo, a qual deve estar confusa, mal alinhavada...

De resto, é próprio do bipede humano: Errare humanum est...

Parece, em vista do provérbio, que só nas cousas divinas, em que Deus (o milénário madraço) é autor e actor, é que a acção segue imediatamente o pensamento e o executa integralmente... Assim, Nosso Senhor acordou um dia (naquele tempo não havia dia porque não havia... tempo) acordou, dizia eu, da longa sonolência em que até então vivera, e começou a fabricar o Universo; e, em certa altura, disse, com aquela voz que todos nós sabemos ser estentóreo: *Fiat Lux* (em latim, que era a linguagem oficial na corte celeste...). Dito foi e a luz apareceu tão completamente à ideia! Ou pensada! A obra correspondeu à ideia! Ou não fosse Omnipotente e Omnipotente o tal sujeito que, com um sópo, fez a alma... obra catita como tudo quanto sai das mãos divinas!

Nas cousas humanas é que já não acontece assim... Pretendemos esclarecer um assunto; e, bastantes vezes, quanto mais nos esforçamos por fazer a luz, tanto mais, involuntariamente, adensamos as trevas que o envolvem...

Foi por isso, quanto ao desgraçado artigo em questão, que o *Fiat Lux*, saído dos bicos da minha trópega pena, parece que, para aqueles camaradas, não passou de palavras: pois que a luz não chegou, seguiu-se a bruxuleira na escuridão das ideias, vistas as descortadas críticas que alguns—poucos—lhe têm feito...

Tive de apelar para Nosso Senhor Jesus Cristo. Estamos em muito boas relações: o agnóstico e o Deus-Filho.

Pedi-lhe a luz da sua sabedoria para vencer neste prélio de doutrinas em que me vi forçado a ter armas... eu, que não avesso fui sempre a armas e a tercios...

O ataque da crítica é tão desordenado que me encontro em tal ou qual perturbação, não tanto pela réplica a fazer aos meus adversários como pela inconsistência dos argumentos que me vibram e que os colocam numa posição dúbia sobre os propósitos do ataque.

A desorientação da crítica é tal, que até chegam a atribuir-me, a propósito do artigo, conceitos que não formulei, afirmações que não fiz!

Muito mal escrito deve estar o tal meu artigo! O que é a gente não ser Padre Eterno! Quando julgamos clamar um «Fiat», em vez da luz, aparece-nos um auto «Fiat», e toda a velocidade de crítica para nos esborrachar... Mas, a-pesar-dos-óis, ainda tenho o pé leve...

Ora vamos ver, já que não tenho o privilégio divino de, à primeira, fazer logo luz, se, ripostando ao ataque e espietando a candeia das ideias, consigo espargir algu-

ma claridade sobre a doutrina do tal artigo...

Eu tive um professor de literatura que me dizia, uma vez ou outra: «Seu Soisal! define os termos! fale com propriedade! evite as expressões ambíguas!»

E' de crer, em vista da crítica feita ao meu minúsculo trabalho, que pouco proveitei das sábias recomendações do meu mestre; pelo que se depreende da mesma crítica, fui algo confuso, abstruso e ambíguo, devido talvez à impropriedade dos termos empregados...

Vou procurar fazer-me entender.

Parodiando o meu antigo mestre, direi: definamos posições.

Em sindicalismo há, como se sabe, várias espécies: sindicalismo patronal, sindicalismo cristão, sindicalismo socialista, sindicalismo comunista, sindicalismo fascista, sindicalismo revolucionário, anarquista, (*) libertário, etc.

Em qual destas variedades estão os que me deram a honra das suas críticas?

Não sei! Em certos pontos, parecem-me sindicalistas libertários; noutros, sindicalistas moscovitários; em outros ainda, parecem-me amoros... incoloros... comodistas...

Os camaradas discordantes desculpam-me, de certo, a rudeza das minhas palavras, sabendo quanto sou leal e sincero no trato com os homens e que não há intenção minha de os ofender, mas unicamente a de definir posições que cada um de nós, na que ocupa, pode e deve defender honestamente e abertamente.

Há, portanto, vários sindicalismos: o patronal, o cristão, o reformista, o revolucionário, etc.

Destas variedades qual foi a que eu defendi nesse artigo? qual a que, a meus olhos, mais convém aos trabalhadores?

Lendo-se o que escrevi, parece não dever restar quaisquer dúvidas de que foi o «sindicalismo revolucionário».

Que tese sustentei eu? que tenho eu sempre sustentado?

Que o sindicalismo revolucionário é essencialmente anarquista, essencialmente libertário.

Camaradas há, porém, que supõem que eu afirmei que o sindicalismo é anarquista.

Nada disso!

Saibamos distinguir! evitemos a ambiguidade...

O que eu sempre tenho dito e o que escrevi, no pobre artigo visado, é que o «sindicalismo revolucionário é, por contextura, por índole, por qualidade intrínseca, anarquista, libertário».

Há sua diferença; e grande!

Para quê, pois, confundir?

Entendo que, quando se discute uma ideia, quando se impugna o critério de outrem, se deve formular o ataque no mesmo terreno em que tal critério, ou tal ideia, foram postos por esse outrem.

Se, ao criticar um trabalho, se estabelecem premissas que não correspondem às que o seu autor estabeleceu, as conclusões, a que o crítico chega, podem parecer lógicas e indiscutíveis; mas falseia-se, iniludivelmente, a verdade e a lealdade que a crítica deve manter.

Portanto, fique assente: o sindicalismo revolucionário é anarquista, é libertário, por essência; mas, repisemos: é só o «sindicalismo revolucionário». Os outros, não, quanto a mim.

E por que motivo faço eu uma afirmação destas?

(*) Refiro-me ao sindicalismo anarquista da F. O. R. A. que exige a profissão de fé anarquista para o ingresso nos sindicatos; sindicalismo este que eu já mais preconizei, nem defendi; nem tampouco, vi defendido por anarquistas portugueses.

“O SÉCULO” E A U. I. E.

O golpe de apache do trio Pereira da Rosa, Carlos de Oliveira e Amzalak fortemente combatido numa turbulenta assembleia da Associação Comercial

O estofo moral dos homens da ordem—O primeiro incidente—As misérias morais dos honrados comerciantes—Pereira da Rosa, o vulgar rufia—Sopapos, insultos e gritaria—O encerramento da sessão

A Batalha, ontem, em «Última Notícias», informou os seus leitores de que na Associação Comercial se realizou uma assembleia geral que decorreu no meio de enorme tumulto, o que originou o seu encerramento para continuar amanhã.

Tudo quanto ali se passou, denota bem o estofo moral desses cavalheiros de indústria. Disseram-se as piores coisas. Chamaram-se ladrões, tartufos, bandidos, etc., desdobrando assim uns aos outros, o jôgo que ambas as partes haviam posto em prática para se ludibriarem mutuamente.

Bastava que, apenas uma décima parte do que ali se passou, tivesse ocorrido num sindicato operário, para que o grande órgão da rua Formosa viesse apregoar que os proletários eram fomentadores da desordem, bolxevistas e muitas outras coisas feias. Como se passou no seu seio, não é nada disso: tudo aquilo foi em benefício da pátria e das batatas... e da dignidade dos benfeitores componentes das honradas classes do «ólio vivo».

Mas vamos a reportagem.

Não podem entrar bengalas...

O início dos trabalhos estava marcado para às 21,30. A essa hora já a afluência era enorme, chegando mesmo a ser multitudinária. Ao contrário do que era uso em assembleias anteriores, não era permitida a entrada na sala a porta fechada de bengalas, que por esse motivo tinham de as depositar num bengaleiro. Esta ordem da direcção deu aos mais ares comentários, havendo quem dissesse que tudo aquilo era medo. A consigne era rigorosíssima, só se se permitindo a entrada aos sócios e aos representantes da imprensa. Quando entramos na sala, já se encontravam a um canto dois polícias disfarçados.

A sala encheu-se, ficando repleta.

Assume a presidência o sr. Carlos de Oliveira, um dos três donos do Século.

Logo de início o sr. dr. Levy Marques da Costa pede a palavra sobre a constituição da assembleia, protestando contra o facto de não ter sido permitida a entrada a um comerciante, sócio de há onze anos. Pergunta os motivos.

Responde-lhe o sr. Alfredo Ferreira, em nome da direcção. Sorri-se escarninhamente, como que a desafiar a parte contrária, e diz que aquele comerciante, o sr. Osório de Carvalho, fora negada a entrada, por não ter pago a cota de julho. Generosamente, afirma, no entanto, que a direcção não se opõe a que esse senhor tome parte nos trabalhos.

Trocaram-se explicações e por fim o sr. Carvalho lá entra, a pesar das piadas da geral.

—A-pesar de caloteiro, pode entrar! Deixem lá entrar a criança, etc.

Encerrado o incidente, o sr. Jaime Firmino Rocha pede para serem lidas as cartas trocadas entre as Associações Comercial e Industrial e o Século, sobre a compra e posse das acções deste último, ao que o sr. Alfredo Ferreira se presta do melhor grado, ou não estivesse já combinada a scena...

O sr. Alfredo Ferreira lê várias cartas, nas quais se diz que a direcção da Associação Industrial padecer de amnesia, que as acções pertencentes a esta última estão de posse do Banco Português do Continente e Ilhas, etc.

Terminada a leitura, foi dada a palavra ao sr. César de Azevedo.

Diz em resumo:

—Não foi o grupo administrador do Século o seu comprador, mas sim a U. I. E. Se subscubesse que o Século passaria a atacar as forças do ólio vivo, não teria andado de porta em porta a pedir dinheiro para a compra de acções, nem teria dado também dinheiro, que muito lhe tem custado a ganhar...

«Aprovou o último relatório da Associação Comercial, por supor que o Século era, como devia, da U. I. E., de contrário não o teria aprovado. Não pretendemos negociar as acções que pagámos, porque não foi com esse sentido que as adquirimos. E terminando:

—Fez-se a compra do Século da forma porque é conhecida; não para financiar três homens, mas para que ele ficasse pertencendo às forças económicas, e a Associação Comercial nem sequer nos dá contas da operação.

Porque o trabalhador, ao ingressar no sindicato revolucionário, prova com este acto que se sobrepõe ao Estado; que protesta contra a autoridade do patrão de lhe exigir mais horas de trabalho, de lhe pagar menor salário, de o apoucar, na sua dignidade de homem e de produtor, por meio de vexames no trato pessoal. Se ele não reconhece essa autoridade e quer fazer o seu protesto através do seu sindicato, seja ele o monárquico mais retrógrado ou o crente religioso mais obsecado, faz anarquismo, faz libertarismo sem o querer, certo, mas faz.

Por consequência, a índole do sindicato, no sindicalismo revolucionário, é libertária, é anarquista, por mais que isso custe aos sindicalistas sem côr.

E essa índole irradia por todos os agrupamentos da organização.

Camaradas dizem:

«Negro que o espírito de rebeldia, que anima os sindicatos, seja proveniente do ideal anarquista. Eu, por exemplo, que não sou anarquista, mas apenas julgo ser sindicalista, nem por isso me prostrener jamais perante a autoridade; antes lhe tenho vibrado algumas machadadas... com gana».

Oh! inconsciência! Pois que fazem êsses que vibram machadadas no princípio de

O sr. César de Azevedo, que além de comerciante é coronel, foi muito aplaudido pela maioria da assembleia, que por várias vezes lhe interrompeu o discurso, com aplausos frenéticos.

A moagem; acusada de burlona, devolve e endossa a Pereira da Rosa a acusação

Seguiu-se o sr. Carlos Reis. Diz-se presidente do conselho de administração da Portugal e Colónias e ter vindo ali para a defender das acusações que lhe vêm fazendo.

—A acusação de burla de que a dizem autora, devolve-a intacta aos seus acusadores—afirma.

Esta declaração provoca sussurro, cuvidos-se vários apartes como este:

—Fera, quem quer continuar a envenenar-nos com o pão de lixo!...

O barulho continua e o orador manda para a mesa um documento que contém a defeza da Portugal e Colónias.

Fala agora o sr. Pinto Júnior. Diz não conhecer bem o assunto e por isso lê um questionário, no qual se fazem largas perguntas sobre a forma como se fez a operação de compra do Século, e como se deu a sua declaração de independência, para com as respectivas respostas se poder habilitar a discutir o assunto.

Há apoiados e não apoiados, havendo quem afirme que o sr. Pinto Júnior foi ali fazer um frete ao sr. dr. Levy Marques da Costa.

A revolução francesa e as forças do “ólio vivo” portuguesas

Sobe à tribuna dos oradores o sr. Levy Marques da Costa.

Faz a história da revolução francesa, mostrando os pontos de relação entre ela e o movimento das forças do ólio vivo, sendo a certa altura interrompido por um membro da direcção que lhe diz que todos conhecem já a história.

Há barulho, acusando alguns dos presentes ser a própria direcção quem faz obstrução.

O orador prossegue nas suas considerações, tendentes a provar que a administração do Século não cumpriu aquilo a que se comprometera, lendo a propósito algumas passagens de artigos desse jornal com as quais — diz — se criou atmosfera propícia para um segundo «19 de Outubro», e termina por afirmar ser lamentável que o órgão da U. I. E. na imprensa tivesse procedido tão levemente.

Pereira da Rosa, impedido de falar, arma em brigão

Ergue-se agora, para falar, Pereira da Rosa. Caminha para o lugar reservado aos oradores com certo ar de desprezo e começa:

—Ainda bem que vieram aqui acusar-me cara à cara, acabando com o regime que vinham mantendo, de ananialhar pelas esquinas...

Aqui ardeu Tróia. O tumulto tomou proporções gigantescas, ouvindo-se os vários desconcertados apartes:

—Fera! Fera! Rua!

—E' um bandido!

—Roubam-nos e ainda por cima nos insulta!

—Aqui não há fauistas!

E outros:

—Deixem-no falar! o que não querem é ouvi-lo!

Ao mesmo tempo que isto se passava, Pereira da Rosa, iracundo por não lhe terem consentido que vendesse o seu peixe, avançou munido de uma garrafa para um dos presentes, que o intimara a retirar a frase, *Há corps-d'corps*, patada, palmas, gritos, durante o tumulto cerca de um quarto de hora, até que o presidente encerra os trabalhos.

Depois de encerrada a sessão, ainda os presentes discutiram por largo tempo, tendo Pereira da Rosa demorado a saída, não fosse o caso que o gado lhe saísse mosqueiro...

Autoridade, senão puro anarquismo? Eles julgam realmente não ser anarquistas; mas os seus actos no ataque ao princípio de Autoridade são de anarquistas.

E... outra ingenuidade. Êstes sindicalistas quem apenas se libertários, porque o ser libertário é ter segundo eles, o espírito aberto à concepção progressiva (I), gozando da liberdade política sem peias nem restrições de ordem mental, independente, não tutelada (II); o que, na opinião desses tais, não é a mesma coisa que ser anarquista. (III)

E, por tal motivo, êles fazem separação: o «libertarismo» é doutrina muito mais ampla que o «Anarquismo».

Valha-me Nossa Senhora dos Atrapalhados!

(Conclui amanhã).

José Carlos de SOUSA

Falam as comadres...

BERLIM, 7.—O «Berliner Tageblatt» reconhece que a Alemanha violou o tratado de paz construindo oficinas e arsenais na Rússia, mas diz que os aliados também o violaram visto haverem introduzido elementos militares na aviação civil e fabricarem constantemente munições. — (L)

Notas & Comentários

o «milagre» de Santo Amaro

Pergunta-nos um leitor muito alarmado se oferecerá garantias de segurança o elevador da Bica, há meses para inaugurar as suas carreiras. O nosso correspondente fundamenta os seus receios no facto de aquele elevador, depois de tantas experiências, ainda não ter sido posto a funcionar.

Parece que não há motivos para tantos receios. O elevador da Bica ainda não funciona, é certo. Mas não tardará que de Santo Amaro venha o remédio e ele inicie as suas carreiras sem perigo de fazerem uma viagem forçada à Casa da Moeda...

E' uma questão de tempo. Espere o nosso correspondente, que do «car-barr» de Santo Amaro virá o «milagre» e as graciosas caixas de fosforos principiarão a deslizar pela calçada...

Honra a pátria...

José Ramos é um pobre operário soldador que, devido aos gases asfixiantes adquiridos em França durante 30 meses que ali esteve pertencendo ao C. E. P., não pode trabalhar. E' natural do Algarve, mas devida à sua enfermidade teve que vir para Lisboa em busca de tratamento.

Não tendo condições para se tratar requereu várias vezes para ser submetido a uma junta médica militar, a fim de no hospital militar receber o necessário tratamento e ao abrigo da lei receber a pensão como estropeado. Até à data o seu pedido não foi deferido e o infeliz atravessa uma existência de pungente miséria. Nunca Camões teve menos razão: «honrai a pátria que a pátria vos contempla!!!»

Para prevenir...

SOFIA, 7.—O sr. Nenechich, ministro dos negócios estrangeiros, pediu a demissão arrastando consigo todo o governo. Segundo declarou, é seu propósito chamar a atenção da Europa para o significado do pacto italo-albanês, que põe em perigo a paz entre os países balcânicos. — (L)

Um profeta

PARIS, 7.—O príncipe Carol declarou ao «Matin» que não vê possibilidades de um golpe de Estado na Roménia. — (L)

De acordo

GENEIRA, 7.—A entrevista realizada esta manhã entre os ministros dos Negócios Estrangeiros da França, Alemanha, Inglaterra, Bélgica e Itália permite esperar um próximo acordo sobre o problema do desarmamento. — (L)

Tchitcherine acusa

BERLIM, 7.—Tchitcherine, entrevistado por alguns jornalistas, acusou vivamente as autoridades inglesas de excitarem o mundo inteiro contra os soviets. Referindo-se ao longo trabalho de França, criticou, no entanto, a entrevista de Thoiry, deixando perceber que os soviets receiam uma aproximação franco-alemã. — (L)

Gesto de um reformista...

LONDRES, 7.—O sr. Gosling, leader da União dos Trabalhadores de Transportes, apresentou um projecto de lei autorizando a comissão imperial dos mortos da guerra a levantar um monumento à memória dos oficiais que perderam a vida durante a luta. — (L)

Experiências preliminares

LONDRES, 7.—As estações para o serviço aéreo anglo-australiano foram submetidas às experiências preliminares, esperando-se que estejam prontas dentro de algumas semanas. As estações para os serviços anglo-indianos e anglo-sul africanos devem ficar concluídas em 192

D. ABAD DE SANTILLAN

N.º 4

A JORNADA DE SEIS HORAS

Um escritor germanico, Eduardo Weckerle, publicou um famoso livro que teve o titulo *Mensch und Maschine*. Nesse livro, estuda o autor, numa linguagem suggestiva e eloquente, a nova fase do capitalismo iniciada após a guerra. Vamos extrahir do livro alguns dados elucidativos.

A produção dos altos fornos nos Estados Unidos subiu, desde 1850 a 1919, numa proporção de 100 a 6151 (ou seja, 61 vezes e meia). Em compensação, o numero de operários daquela industria, durante o mesmo periodo, aumentou na proporção de 100 a 188—o que não representa, sequer, o dobro. E' preciso ter em conta que no ano de 1919 houve uma serie de inovações técnicas empregadas pela guerra mundial. Todavia, não se manifestaram sob os aspectos anos mais tarde verificados.

Eis um exemplo ainda mais concreto: Em 1914, fundou-se nos Estados Unidos a poderosa Bethlehem Steel Corporation, que empregou logo 9.500 operários que realizaram uma produção de 1.200.000 toneladas de aço. Em 1924, havia 70.000 operários, seja, 7,3 vezes mais, ocupados numa produção de 7.600.000 toneladas, seja, 63,3 vezes mais. Deduz-se que, se em 1924 existissem os mesmos métodos de produção, a Bethlehem Steel Corporation teria de empregar 1382.500 operários, ou seja, mais 682.500 operários, na produção desse ano.

Outro caso bem característico observamos nós na industria norte-americana do automóvel.

Em 1899, construíram-se 3.723 carros com 2.241 operários, mas, em 1923, a produção era de 3.890.134 carros e nela se ocupavam 241.356 operários. A produção subiu na percentagem de 1 por 1.044,4 e o numero de operários elevou-se na proporção de 1 por 107,6. Indicam estes numeros que, se se conservasse o nivel de produção de 1899, o pessoal necessário á industria, em 1923, seria 10 vezes mais numeroso: em vez de 241.356 teria havido 2.413.560 operários.

O aumento de produtividade, por operário, na industria do automóvel, deve também tomar-se em conta. Em 1909, a produção de cada operário oscilava entre 1,66 e 2,47 carros por ano; em 1914, era já de 1,17; em 1921, de 11,15 e, em 1923, a produção anual de cada operário ascendia a 16,11 carros.

Antes da guerra, nos conhecidos estabelecimentos de Lawrence e de Howell (Massachusetts), um só operário não podia tomar a seu cargo mais que 6 a 8 aparelhos; actualmente, graças ao aperfeiçoamento técnico, encarrega-se de 40 a 60 aparelhos.

As cifras desses numeros, desperta em nós a recordação de um facto ocorrido na Alemanha.

Nos principios de Janeiro de 1924, Paul Levi e Ernest Daenning, em nome do comité central do partido comunista unificado de Alemanha, dirigiram-se a todos os partidos da esquerda e ás organizações sindicais, entre estas, á secção alemã da Associação Internacional dos Trabalhadores, propondo-lhes uma acção combinada no sentido defensivo e revolucionário.

Os nossos camaradas responderam em 11 de Janeiro, fazendo realçar os seus principios adversários do Estado e manifestando-se, não obstante, dispostos a cooperarem numa acção comum revolucionária.

Como previa medida, insistiram na importância de duas reivindicações imediatas: *Jornada de seis horas e abolição da produção de material de guerra.*

Havia, então, na Alemanha, com um pouco da boa vontade dos chamados partidos operários, a possibilidade de assegurar ao proletariado uma situação melhor, acabando facilmente a hidra monárquica e reaccionária.

Mas uma demonstração das verdadeiras intenções dos comediantes da politica operária desse momento teve-se no facto de não darem a conhecer, sequer, como se fez a todas, a resposta dos nossos camaradas á frente única que os comunistas haviam proposto.

Agora, os resultados estão patentes. Não se desejou a revolução, nem mesmo reformas positivas, e, hoje, o capitalismo alemão está mais do que nunca onipotente e o monarquismo prepara-se incessantemente para a conquista do poder.

Existem cerca de 140 organizações militaristas secretas, difundidas por toda a Alemanha, com forte influencia no exercito e nas esferas politicas.

A perspectiva de uma restauração monárquica está presente, e o proletariado, aturdido pelo ilusionismo dos seus deputados e dos seus chefes, perdeu toda a possibilidade de lutar vantajosamente contra a reacção. Mais, ainda: uma parte crescente de trabalhadores vão passando-se para o lado daqueles que esperam uma melhoria da situação da Alemanha até se voltar aos *bons tempos antigos*.

Continuemos enumerando várias cifras relativas ao incessante aumento da produtividade de cada operário nos últimos anos. Valemo-nos de dados reunidos por Eduardo Weckerle, no livro já citado, que os investigadores podem verificar na vida cotidiana de qualquer industria.

Nos caminhos de ferro do Canadá havia, em 1913, um total de 178.652 pessoas empregadas, sendo a rede ferroviária de 29.304 milhas. Em 1922, a rede ferroviária era de 39.773 milhas e o pessoal compunha-se de 165.535 indivíduos. Temos, pois, um aumento superior a 10.000 milhas com uma diminuição de mais de 12.000 pessoas.

O National City Bank de Nova York fez conhecer um informe que demonstra, de modo geral, que a produção de 109 indústrias americanas, em 1923, elevou-se até 52% em comparação com o ano de 1921, ao passo que o pessoal apenas teve um aumento de 32 por cento.

O ministro do Comércio dos Estados Unidos, sr. Herbert Hoover, declarou no seu discurso, em 8 de Maio de 1923, que a industria norte-americana se acha em condições de assegurar a cada cidadão o conforto que elle usufruía antes da guerra, ainda que despendesse, ao mesmo tempo, dois milhões de operários.

(Continua)

Luta de classes

Mais uma importante sessão dos Empregados no Comércio e Indústria sobre horário de trabalho

Efectuou-se ontem em Belém, no Largo dos Jerônimos, 3.ª sessão de propaganda para o esclarecimento do horário de trabalho, de propaganda associativa e contra o uso das carroças de mão, promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, tendo presidido Jorge Campelo, secretariado por Edmundo Tavares e Henrique Camarate.

O presidente expõe os motivos que levou o Sindicato a realizar estas sessões e faz uma larga resenha do que tem sido até hoje a função do empregado comercial e o que ela deve ser de futuro.

Abraão Coimbra cita vários exemplos da fraca mentalidade da classe e que se têm manifestado no decorrer da fiscalização que o Sindicato vem efectuando por toda a cidade.

Refere-se ao uso desumano das carroças de mão e diz que o Sindicato já conseguiu um grande passo que foi a diminuição do peso da carga a transportar. Afirma que esta solução não o satisfaz e que o Sindicato continuará a pugnar pela supressão das carroças. Trata de muitos outros assuntos que merecem á assembleia um especial interesse.

Manuel Maria de Sousa em nome da Universidade Nacional de Instrução e Educação, saudou o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria pela sua acção tenaz e persistente na defesa do horário de trabalho.

Combate com vigor a pretensão dos retalhistas em querer alterar a jornada de trabalho e faz um apelo a todos os organismos de carácter instrutivo para que oponham também a sua resistência pois que a sua acção ficará muito restrita se a pretensão aos comerciantes for por diante.

Adelino Tavares de Sousa reforça as considerações do orador anterior e demonstra o grande valor que têm estas sessões não só pela propaganda que irradiam não só pela classe, como ainda pelo reflexo que sito exerce nas restantes classes trabalhadoras.

Alonga-se em considerações sobre as vantagens enormes que advêm da educação e que hoje os patrões pretendem expor-lhe este direito humano que todos tem a adquirir um pouco de instrução que tão útil é para a nossa classe.

Evoca os tempos da propaganda republicana que levou um país inteiro a depôr um regime de crápula para comparar com a propaganda que hoje as classes trabalhadoras fazem para a consecução de uma sociedade mais perfeita e equitativa, propaganda esta que é feita por uma forma honesta.

Crítica com uma rara energia a mafeira com muitas casas comerciais se servem para o seu reclame especulativo pondo em bonés e em fardamentos que aviltam o homem o anúncio da respectiva casa. Classifica este uso de ignóbil e de atentatório da dignidade humana.

Manuel de Figueiredo refere-se á pouca atenção que a classe dedica á defesa das suas regalias. Ataca o patronato por elle se dizer patriota e ser o primeiro a desrespeitar as leis do país como por exemplo a das 8 horas de trabalho.

Historia o que tem sido o esforço despendido pelo sindicato em prol do cumprimento do horário de trabalho e da abolição dos carros de mão, fazendo ressaltar o interesse que elle tem conseguido despertar em parte da classe.

Jorge Campelo põe em contraste a tacañez do comerciante do nosso país comparada com a dos restantes países onde se cumpre rigorosamente as 8 horas de trabalho, nalguns até bastante conservadores.

Em seguida lê a moção do sindicato que é aprovada por aclamação.

Manufactores de Calçado

Na passada sexta-feira, 3.ª conforme estava anunciado, efectuou-se, no Alto do Pina, sede das secções dos sindicatos, a sessão dos manufactores de calçado para apreciação do estado económico e moral da classe. Esta sessão, a primeira das que o sindicato pretende levar a efeito por diversos bairros da cidade, esteve bastante concorrida. Presidiu a Comissão de Melhoramentos do sindicato que expoz os fins da reunião. Fernando Rodrigues e Silva Campos demonstram a necessidade de os manufactores de calçado resistirem á pretensão dos industriais em baixar a mão de obra e que tendo em vista ser o consumidor também prejudicado com a acção nefasta dos industriais-obreiros, a defesa da classe pode e deve ser mais intensa. Expõem sobre o que virá a ser o estado da classe no futuro com a expansão da mecânica e, por outro lado, o aumento do aprendizado e deficiente produção.

Por último foi aprovada a seguinte moção:

«Os manufactores de calçado da área do Alto do Pina, reunidos em convite da Comissão de Melhoramentos do sindicato, para tratar da reclamação de aumento de salários conforme a tabela de mão de obra, e considerando que a situação económica é de molde a impelir os operários á conquista de mais salários e nunca a baixa; e considerando ainda que os obreiros, dada a sua especial posição dentro da industria, são os principais causadores do estado difícil em que se encontra a classe; resolvem: Dar todo o apoio ao movimento iniciado pelo sindicato, para consequimento da execução integral da tabela de salários, e aguardar as resoluções que as necessidades aconselhem.»

A DIRECÇÃO

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Depois da reunião do dia 1 do corrente em que tomou posse, reuniu pela primeira vez este secretariado que apreciou e deliberou sobre o expediente existente, a cujos assuntos deu o respectivo andamento, e tomou conhecimento das *démarches* de um dos membros deste secretariado, junto da Polícia Marítima e de Investigação, tendentes a conseguir a libertação das camaradas deportadas de Fall-River pelas autoridades norte-americanas, os quais, em resultado das *démarches* realizadas, já ontem foram restituídos á liberdade. Tomou conhecimento do officio do S. U. das classes metalúrgicas de Peniche comunicando a marcação do julgamento de José Luís para o dia 15 do corrente, ficando assente que o advogado parisse no dia 14 no comboio da manhã.

Amanhã, quinta-feira, o advogado do Conselho dará consulta neste secretariado, pelas 21 horas, aos camaradas confederados, mediante a apresentação da caderneta confederal de sindicado.

Associação de Classe dos Officiais Maquinistas da Marinha Mercante

Reunião de Assembleia Geral

É convocada a Assembleia Geral Ordinária para o dia 14 do corrente ás 17 horas para eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1927.

Caso não haja o numero legal nesta reunião, fica desde já convocada a 2.ª reunião para o dia 11 do corrente á mesma hora funcionando com o minimo de 15 sócios.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1926.

A DIRECÇÃO

Reunião das Federações do Livro, do Jornal e Similares, Metalúrgica, e do Mobiliário

Reuniram-se na passada semana, as comissões administrativas e delegados ao conselho confederal, destes organismos, a fim de apreciarem a attitudo a assumir perante a C. G. T. em face da situação que lhes foi criada pelas resoluções do dito conselho tomadas em 22 e 26 de novembro p. p.

Depois de detalhada a posição tomada nas reuniões de federações e posteriormente ratificadas pelos conselhos federais, bem como a attitudo que os delegados ao C. C. assumiram defendendo os pontos de vista dessas reuniões, já foi resolvido publicar, em nota officiosa, a *A Batalha*, ou em manifesto ao proletariado em geral e especialmente aos federados, as razões da nossa attitudo, que sem objectivos cisionistas da central operária, esclareça a situação que nos foi creada, na qual pretendemos unicamente defender a boa moral da organização sindicalista revolucionária.

Foi nomeada uma comissão executiva destas resoluções composta por um membro de cada uma destas federações, que reúne hoje, ás 21 1/2 horas, no mesmo local.

Assinem Os mistérios do Povo

Uma resposta á nota das três federações

Recebemos a seguinte carta que publicamos tal como nos foi entregue:

«Porque a «nota» das três federações que saíram agora do conselho confederal cita a minha pessoa, para justificação da attitudo que tomaram os seus delegados ao C. C., e porque as referências que me fazem são absolutamente falsas, vejo-me forçado a esclarecer o que na «nota» se diz da minha pessoa, e isto sem prejuizo do que sobre o assunto a Federação do Calçado C. e Peles tem necessidade de dizer.

Diz-se na «nota» que eu, além de ter tomado parte na última reunião do C. C. extinto, assisti ás reuniões das federações onde fiz afirmações que me comprometem e transcrevem-se algumas palavras que pronunciei, mas completamente truncadas.

Na verdade, a comissão administrativa da F. C. C. P. assistiu ás reuniões das federações, mas declarou que não concordava com tal acção e que a sua presença tinha apenas em vista a defesa do Estatuto Confederal, attitudo que foi igualmente marcada pela Federação do Livro e do Jornal. E, assim, quando foi proposta a nomeação de uma comissão administrativa para gerir a comissão administrativa do novo C. C., a comissão administrativa da F. C. C. P. propôs «que, no caso de os organismos confederados resolverem fazer a substituição dos seus delegados ao C. C., ficasse o comité confederal despenhando-se do seu cargo até á constituição dum novo C. C.». Esta proposta foi rejeitada por uma pequena maioria.

Os camaradas das federações que combateram esta proposta adivizaram que isso daria ocasião a que voltassem ao comité das camaradas demissionárias. Foi então que eu afirmei: «Se o estorvo é a minha volta e a de M. J. de Sousa, não vos vou a minha palavra que não voltamos lá.»

Ora isto é bem diferente do modo como é posto na «nota» das três Federações, que deixa ver ter eu dito isto em referência ao C. C., quando, afinal, me referia ao comité do qual estava demissionário, assim como M. J. de Sousa.

Há ainda na referida «nota» uma outra passagem da mesma forma inexacta e que deturpa a verdade, segundo a qual eu dissera que a minha Federação não aceitava como boa a dissolução do C. C., mas que achava bem que se substituissem os delegados. Porém, o que eu disse foi: «que a minha Federação não aceitava a dissolução do C. C., mas sim a substituição dos delegados por parte dos organismos que assim o entendessem», e frisamos que organismos haveria que talvez quisessem manter os mesmos delegados por estarem em concordância com a sua acção, o que, a resolver-se a substituição do conselho, poderia trazer consequências desagradáveis. Com este critério esteve—entre outras— a Federação do Livro e do Jornal, enquanto a maioria fechou os olhos á realidade, possivelmente com o propósito de abrir conflito.

Quanto ao § 2.º do Estatuto Confederal, não me sinto atingido por elle. Outro tanto não poderão dizer todos os mentores deste novo e caprichoso conflito.

Posto isto, protesto contra a forma cavilosa e jesuitica com nos pretendem aniquilar, e a quem em tal tenha interesse, convidamo-lo a usar de mais lealdade, não por nós mas por toda a organização, que, comparsa desta «fita», é illudida com estes falseamentos da verdade. — Lisboa, 6.º XII 1926. De v. at.º e obg.º, M. Silva Campos.»

Na Caixa Económica Operária

Uma interessante festa popular

A «Caixa Económica Operária» com sede na rua Voz do Operário promove no próximo sábado uma interessante festa com o concurso do cultivador da trova popular Manuel Portugal.

O espectáculo que principia ás 9 da noite, tem o seguinte programa:

1.ª parte: Por deferência com o promotor, João Linhares Barbosa abre o sarau com um recitativo poético, como também duas palavras alusivas ao fado pelo poeta Raúl Carreira, e um acto de variedades por amadoras e amadores da arte de Thalma.

2.ª parte: Variações á guitarra pelo guitarrista Salvador Freire acompanhados á viola pelo violista Georgino de Sousa. Segundo o elenco dos mais apreciados poetas populares, José Junca, Aníbal Duarte, José Bacalhau e Albino Alves e do «Grémio Literário Amadores do Fado», os srs.: José dos Santos, Manuel Ferreira e Fernando Roque; 3.ª parte: Tangendo a sua guitarra em diversos trechos do fado far-se-há ouvir a gentil menina Virginia Peres acompanhada á viola por seu pai, Amadeu Peres, fazendo-se ouvir de seguida os cultivadores Raúl Pinto, Alfredo dos Santos, José Júlio, Raúl Jacob, Estanislau Cardoso, Mario Martins e Vitorino Luis.

4.ª parte: Variações á guitarra pelo apreciado dedilhador Francisco Barata, acompanhado á viola por Júlio Correia.

Continuando a Canção Nacional por Joaquim Campos, Raúl Brinquel, Júlio Proença, Raúl Celas, Alfredo Duarte, Arnaldo Tavares, Reinaldo Varela, e no género jucoso far-se-há ouvir o apreciado poeta Armando Barata e os cultivadores do mesmo género José Ribeiro, Carlos Ribeiro e Joaquim de Lima.

Os acompanhamentos serão feitos para o fado pelos srs. Americo dos Reis, Domingos Gomes e Francisco Pereira da Silva, guitarristas, acompanhados pelos seus violas srs. José Mendes, Americo Moita e Joel Barradas.

Um empréstimo de 1.700 contos

Vai sair um decreto autorizando o governo a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 1.700 contos, ao juro de 9 por cento, amortizável em 15 prestações anuais que terá a seguinte aplicação na Universidade de Coimbra: 1.000 contos para conclusão das obras do edificio e instalação da Faculdade de Letras; 500 contos para dotação do Instituto do Rádio, anexo á Faculdade de Medicina e de Ciências e 200 contos para ampliação e desenvolvimento das instalações do Instituto Judiciário da Faculdade de Direito.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comissão administrativa

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa para dar posse ao novo Comité Confederal.

Comunicações

Tanoeiros.—Com enorme concorrência, visto para tal fim ter paralisado o trabalho, reuniu-se a classe dos tanoeiros em sessão magna, a fim de tratar de importantes assuntos que dizem respeito á sua organização corporativa. Presidiu Júlio Aranha, secretariado por Serafim de Oliveira Aranha e Augusto Saraiva.

Tratando-se em primeiro lugar de diversos assuntos referentes á crise de trabalho e depois de larga discussão e análise feita por vários oradores foram conferidos plenos poderes á direcção para que ponha em pratica as medidas que julgue mais uteis no sentido de não ser ampliado tão grande flagelo. Mais foi resolvido empregar todos os esforços para que todas as regalias de ordem moral que a classe usufrui sejam mantidas.

Procedendo-se á eleição dos corpos gerentes para 1927, ficaram assim distribuídos: Assembleia geral: presidente, Francisco Alves Ferreira; vice-presidente, Leonardo Rodrigues Rita; 1.º secretário, Ernesto José de Oliveira; 2.º secretário, Benjamin Filipe. Direcção: Presidente, José da Silva; 1.º secretário, Augusto Saraiva; 2.º secretário, Agostinho Gradim; tesoureiro, Manuel Ferreira; vogais, Francisco Moura e Serafim Marques de Oliveira.

Conselho fiscal: António de Oliveira Rocha, Júlio Aranha, José Parreira e João Moreira.

Entrando em discussão o relatório moral e financeiro de 1926 foi este por unanimidade aprovado com um voto de louvor aos membros mais activos da direcção. Como conclusão deste importante relatório foi proposto á gerência de 1927 o approval por unanimidade as seguintes atribuições:

a) Que exija do Conselho Fiscal o relatório financeiro todos os trimestres devidamente em ordem.

b) Que proceda á immediata constituição da Bólsa de Trabalho.

c) Que a partir de já se aceite o principio de responsabilidade nos cargos associativos aos respectivos componentes, de forma a ser estabelecida a interdição do trabalho aos membros da direcção ou outros que abandonem os seus cargos sem motivo justificado considerando-os nestas circunstâncias traidores á causa operária.

d) Que proceda á immediata saída do jornal corporativo «O Tanoeiro».

f) Que seja elevada para 1550 a cota sindical dos aprendizes tornando obrigatória a sua sindicalização.

g) Que torne obrigatória a sindicalização de todos os componentes da industria assalariados.

i) Que seja retirada a cota subsidiária á caixa de solidariedade, destinando-a ao jornal corporativo, a fim de assegurar a propaganda.

j) Que a cotização passe de futuro a fazer-se semanalmente, a fim de facilitar o pagamento dos associados.

k) Que se trate junto do Conselho do Serviço Técnico Aduaneiro da revisão das pautas alfandegárias applicaveis nas provincias de Angola e Moçambique aos vinhos idios da metrópole no sentido de proceder á sua diminuição a fim de ser facilitada a exportação de vinhos para aquellas possessões ultramarinas.

Sobre a caixa de solidariedade ficou resolvido efectuar na próxima semana uma assembleia geral a fim de ser discutido e apreciado o aumento da cota, bem como o aumento do subsídio para 10500 e medico aos doentes.

Finalmente entrou em discussão o relatório dos delegados ao Congresso Operário de Lisboa ultimamente effectuado, que foi por unanimidade aprovado, não obstante alguns oradores terem lamentado a falta de attenção da C. S. T. pelos mais sagrados interesses do infeliz proletariado de Lisboa, sendo deliberado instar pela redução da cota confederal e do estabelecimento da unidade sindical fora de toda a influencia politica e muito menos filosofica bem mais prejudicial.

Pessoal de Cámaras da Marinha Mercante.—Comissão Administrativa.—Com a presença do delegado da classe, reuniu no p. p. dia 28 que, além de assuntos de ordem corporativa, aprovou uma exposição da Comissão Organizadora da Escola Internacional de Línguas, resolvendo ceder a sala das Aulas do Sindicato, para nela realizar as suas aulas. Ocupou-se também de outros assuntos inerentes ás várias Secções que compõem a Classe.

Secção de Enfermeiros.—Reuniu esta secção a qual apreciou o vário expediente dos camaradas componentes, resolvendo, por se verificar a falta de enfermeiros, admitir novos componentes diplomados.

Pessoal do Município.—Reuniu ontem em assembleia geral a fim de apreciar a situação interna do Sindicato e nomear os corpos gerentes para 1927 e restantes dias do corrente mês. Presidiu António José, secretariado por A. Códex e Angelo Cruz.

Mariano Pereira expôs a situação interna do Sindicato classificando-a de dolosa e ser necessária uma actividade grandiosa, tendente a levantar a classe do indiferentismo em que se encontra.

Expoz ainda os trabalhos realizados no sentido de ver se a Câmara dispensava a apresentação das certidões de idade e registio criminal, tendo declarado que está terminando o dia de 4.ª feira para uma entrevista com o presidente da Câmara. Pediu á classe para que sustasse a tiragem das certidões até uma resposta definitiva. Passou-se depois á nomeação dos corpos gerentes, que ficaram constituídos da seguinte forma:

Comissão Administrativa: Secretário geral, Mariano Pereira; administrativo, Vítor dos Santos; actas, Armando Códex; bibliotecário, António Godinho; solidariedade, Carlos de Oliveira; tesoureiro, Veloso Lima; vogal, Reinaldo Vilas. Comissão de Melhoramentos: João Baptista Miralès, A. Códex, Hilário Parente, Angelo da Cruz e António Graça. Delegados á C. S. T.: Veloso Lima, Mariano Pereira e Vítor dos Santos. Mesa da assembleia geral: 1.º secre-

tário, A. Códex; 2.º secretário, A. da Cruz. — A comissão de melhoramentos vai hoje á Câmara, entrevistar o presidente da Comissão Administrativa.

Federação Corticeira.—Reunião do conselho federal: protestou-se contra a deportação de Miguel Correia, resolvendo-se propor aos sindicatos que secundem o protesto; foi lamentado o facto de os corticeiros de Évora terem aceite o aumento de 5 por cento, quando deveriam procurar o equilibrio com a baixa sofrida por toda a classe, recebendo 16 por cento; protestou-se contra o vandalismo dos industriais de Castelo Branco, que mandam tritar cortiças de dois a cinco anos, contra o que se tomarão medidas de defesa da industria; resolveu-se enviar um delegado a Montemor-o-Novo e incitar os corticeiros da mesma localidade, não associados, a que ingressem no seu sindicato; resolveu-se tratar junto do ministro do comércio e governador civil de Lisboa da demissão imposta ao fiscal da classe ás cortiças, em Grandola; resolveu-se tratar junto das entidades competentes contra a falta de pagamento de vencimentos aos fiscaes técnicos em Santarém e Vendas Novas.

Foi apreciada a falta de representação de vários sindicatos e as vagas existentes na comissão administrativa, resolvendo-se instar junto dos sindicatos não representados e recompor-se brevemente a comissão.

Resolveu-se que os delegados da Federação tratem no conselho confederal de questões que interessem á classe corticeira e manter-se a cota confederal, conforme resoluções dos congressos.

O conselho verificou que as respostas recebidas á circular da Federação, acerca das reclamações, entregues ao governo, de debelamento da crise de trabalho e desenvolvimento da industria, não habilitam ainda a Federação a resolver definitivamente um caminho a seguir. Resolveu-se instar pelas respostas e nomear uma comissão que procurará avistar-se novamente com o governo.

Impressores Tipográficos.—Reuniu-se a Federação tendo apreciado a situação da C. G. T. e a attitudo assumida pelos delegados da nossa Federação. Em virtude da direcção deste organismo estar reduzida no efectivo dos seus componentes e em minoria e ainda devido a um dos seus componentes ser também delegado da Federação ao Conselho Confederal, resolveu abster-se de qualquer resolução sobre o assunto, aguardando que uma próxima assembleia geral se pronuncie, esperando, porém, que os seus delegados á Federação tenham sempre em vista a defesa da moral e superiores interesses da organização.

Resolveu também officinar ao ministro norte-americano protestando contra a parcialidade do juiz Webster Thayer na proclamação contra Sacco e Vanzetti e reclamar a nomeação dum outro para o julgamento da referida causa; tomou ainda a iniciativa de promover uma série de conferencias sobre unidade sindical, por camaradas de várias tendências.

Convocações

PARA HOJE

Federação da Construção Civil.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Construção Civil.—Secção do Alto do Pina.—Pelas 20 horas, a comissão administrativa, pedindo-se para comparecer o secretário da secção Metalúrgica.

DIAS PRÓXIMOS

Maquinistas Mercantes Portugueses.—Reúne amanhã, pelas 17 horas, a assembleia geral desta Associação, na sua sede, para eleição de Corpos Gerentes e discussão do Regulamento interno.

Federação da Construção Civil.—Amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Federal.

Litógrafos e Anexos.—Na próxima sexta-feira, pelas 20 horas, reúne esta classe em assembleia geral em 1.ª convocação.

Não havendo numero reunirá no mesmo dia pelas 21 horas com qualquer numero de sócios, sendo a ordem dos trabalhos: Relatório dos delegados ao Congresso da C. S. T. Apreciação da attitudo marcada pela Comissão Administrativa na organização perante a attitudo dos delegados da Federação do Livro no C. Confederal. Apreciar a constituição do sindicato de industria grafica. Situação de Eduardo Delé Fernandes perante o conflito da Nacional

Juventudes Sindicalistas

Núcleo de Lisboa.—Reúne-se hoje, pelas 20 horas, o secretariado.

Núcleo de Lisboa.—Secção do Alto do Pina.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão reorganizadora.

Em liberdade

Devido aos esforços do Secretariado de Assistência Jurídica e de Solidariedade da C. G. T. foram ontem postos em liberdade Diamantino Teixeira, António Alves Pereira e António Costa, aquelles três camaradas expulsos da America e que se encontram nos quartéis particulares do Governo Civil desde há dias.

Ontem á tarde o dr. João Elói, director da Polícia de Investigação Criminal, esteve ouvindo os presos mandando reduzir a autas as suas declarações pelo agente António de Figueiredo e pôr em liberdade os detidos.

Como o leitor deve estar recordado, estes nossos camaradas foram expulsos de Fall-River devido á acincoosa perseguição movida pelo côsul português Carlos Alberto Sá Miranda, em virtude da sua tenaz propaganda no jornal *Luz* contra o clericalismo.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 3316, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 30 de Maio sobre o horário de trabalho, segundo o seu prelo avisto de 131. Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abtimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Deixados á admist. (secção de B. BATALHA)

O rei Fernando operado

BUSCARET, 7.º.—O cirurgião vindo de Paris operou com êxito o rei Fernando. — (L.)